

O PROTAGONISMO DOS IDOSOS NAS LUTAS PELA TERRA E PELA PERMANÊNCIA NELA: NARRATIVAS DE CONFLITO, RESISTÊNCIA E ESPERANÇA

THE PROTAGONISM OF THE ELDERLY IN THE STRUGGLES FOR LAND AND ITS PERMANENCE: NARRATIVES OF CONFLICT, RESISTANCE AND HOPE

EL PROTAGONISMO DE LOS ANCIANOS EN LAS LUCHAS POR LA TIERRA Y SU PERMANENCIA: NARRATIVAS DE CONFLICTO, RESISTENCIA Y ESPERANZA

Fernando Henrique Ferreira de Oliveira¹

fer_henrique15@hotmail.com

RESUMO: O artigo tem por objetivo reconstruir, a partir da visão dos idosos, suas percepções sobre o processo de envelhecimento no espaço rural, bem como suas vidas e resistências cotidianas em acampamentos e assentamentos rurais. Os dados foram produzidos por meio de onze entrevistas em profundidade, focadas nas histórias de vida. Os participantes foram convidados utilizando o método de amostragem não probabilístico conhecido como bola de neve, até que se alcançasse a saturação dos dados necessários. Os relatos revelam que as experiências vivenciadas confirmam o valor da terra ao longo da vida dos idosos, configurando-se como um projeto de realização baseado na reprodução socioterritorial nos assentamentos. Os resultados apontam que o envelhecimento sob a lógica camponesa constrói espacialidades específicas relacionadas ao uso do tempo e do espaço em acampamentos e assentamentos, onde o trabalho é fundamental para a percepção da velhice dos idosos do meio rural.

Palavras-chave: Idosos. Envelhecimento. Luta pela Terra. Permanência na Terra. Reforma Agrária.

ABSTRACT: The article aims to reconstruct, from the perspective of the elderly, their perceptions of the aging process in rural areas, as well as their daily lives and resilience in rural camps and settlements. The data were generated through eleven in-depth interviews focused on life histories. Participants were selected using the non-probabilistic snowball sampling method until data saturation was reached. The accounts reveal that the lived experiences affirm the value of the land throughout the lives of these elderly individuals, framing it as a project of personal fulfillment rooted in socio-territorial reproduction within the settlements. The results indicate that aging under the rural community logic creates specific spatialities tied to the use of time and space in camps and settlements, where work is central to how elderly people in rural areas perceive old age.

Keywords: Elderly. Aging. Land Struggle. Land Permanence. Land Reform.

RESUMEN: El artículo tiene como objetivo reconstruir, desde la perspectiva de los ancianos, sus percepciones sobre el proceso de envejecimiento en el espacio rural, así como sus vidas y resistencias cotidianas en campamentos y asentamientos rurales. Los datos se generaron a través de once entrevistas en profundidad, centradas en historias de vida. Los participantes fueron seleccionados mediante el método de muestreo no probabilístico conocido como bola de nieve, hasta alcanzar la saturación de datos necesarios. Los relatos revelan que las experiencias vividas confirman el valor de la tierra a lo largo de la vida de estos ancianos, configurándose como un proyecto de realización basado en la reproducción socioterritorial en los asentamientos. Los resultados indican que el envejecimiento bajo la lógica campesina construye espacialidades específicas relacionadas con el uso del tiempo y del espacio en campamentos y asentamientos, donde el trabajo es fundamental para la

¹ Doutorando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia - FCT/UNESP Campus de Presidente Prudente (SP). Membro do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária (NERA).

percepción de la vejez de los ancianos del medio rural.

Palabras clave: Ancianos. Envejecimiento. Lucha por la Tierra. Permanencia en la Tierra. Reforma Agraria.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, discute-se as memórias autobiográficas de idosos em áreas de conflitos agrários no interior do estado de São Paulo. O estudo aborda o envelhecimento em acampamentos e assentamentos rurais, ressaltando o papel dos idosos na luta pela terra e sua permanência nela. As memórias revelam como o espaço influencia as vivências desses indivíduos. A análise geográfica examinou as condições de vida e envelhecimento de idosos no Pontal do Paranapanema, região marcada pelo processo de grilagem de terras devolutas.

A relação entre os sujeitos e o espaço foi essencial na reconstrução das memórias dos idosos que buscam melhores condições de vida, justiça social e reforma agrária. Diferentes trajetórias de envelhecimento foram observadas, tanto nos acampamentos, como locais de luta e resistência, quanto nos assentamentos, como espaços de conquista e reprodução socioterritorial.

O texto aborda a questão agrária com o suporte das pessoas idosas envolvidas nas lutas pela terra e permanência nela, sob a ótica do envelhecimento, destacando o empoderamento e protagonismo desses sujeitos diante dos conflitos e resistências diárias em acampamentos e assentamentos rurais. As experiências vivenciadas confirmam a importância da terra ao longo da vida dos idosos sem-terra, vista como um projeto de realização baseado na reprodução socioterritorial nos assentamentos.

Em relação ao método, trabalhamos sob a perspectiva da pesquisa qualitativa para realização dos trabalhos de campo no acampamento e no assentamento. As estratégias utilizadas em campo foram: entrevistas aprofundadas de história de vida, observações e registros no diário de campo. A escolha dos entrevistados se deu através da amostragem não probabilística de bola de neve (Vinuto, 2014) até a atingir a saturação dos dados.

Foram conduzidas 11 entrevistas com idosos, sendo 4 homens e 7 mulheres residentes no acampamento e no assentamento. A escolha da entrevista como instrumento permitiu aprofundar as relações dos idosos com o corpo e a memória, além de compreender como constroem suas identidades em relação aos espaços. Os participantes também destacaram que fatores como idade e gênero podem influenciar suas relações com o local.

A realização da pesquisa de campo foi essencial, pois ao reconstruir memórias, percebemos que o conceito de envelhecimento ativo e bem-sucedido não consegue abranger as diversas experiências dos idosos no Brasil. O processo de envelhecimento é diverso e varia de acordo com as identidades dos indivíduos na sociedade, indo além de um estado de espírito ou escolhas pessoais. As condições sociais explicam as desigualdades no

envelhecimento entre trabalhadores rurais e urbanos.

As memórias compartilhadas pelos idosos revelam suas experiências ao longo da vida. A memória, embora pessoal, está inserida em relações entre indivíduos e locais, testemunhando a vida em comunidade (Bosi, 2003). Nesse sentido, o tempo é representado pelas recordações de eventos marcantes na trajetória de cada idoso. A dimensão social da memória é influenciada pela cena do acampamento, os despejos na ocupação e a entrada na terra. Concordamos com a autora, de que a vida privada reflete o tempo coletivo.

Rupturas familiares, experiências em acampamentos, batalhas e reencontros nos lotes fazem parte dessa dinâmica. Ao registrar suas falas e transformá-las em narrativas, buscamos compreender as vidas e histórias daqueles que lutaram pela terra em meio à desigualdade e ao conflito no Pontal do Paranapanema. Lembranças se misturam ao esquecimento, e esses idosos têm suas vidas reconstruídas em um projeto de reprodução social na terra. A vida e a morte se entrelaçam com eventos de violência, lutas e estratégias de resistência e sobrevivência desses idosos no espaço rural.

Sob essa ótica, o processo de envelhecimento constrói espacialidades específicas relacionados ao uso do tempo e do espaço em acampamentos e assentamentos, onde o trabalho é fundamental para a percepção da velhice dos idosos do meio rural (Oliveira, 2022). Esses sujeitos geram espacialidades por meio de seus corpos, práticas e relações sociais espacialmente relacionadas. Casas e lotes são entendidos como espaços de memória e trabalho, e a terra é considerada como meio de reprodução da vida e do trabalho.

MATERIAIS E MÉTODOS

Esta pesquisa qualitativa exploratória-descritiva foca nas vivências dos idosos em relação ao processo de envelhecimento em áreas de acampamento e assentamento rural, considerando a relação entre espaço e sujeito. Os principais métodos de coleta de dados foram entrevistas em profundidade, observações e registros em um diário de campo. Durante as entrevistas, analisaram-se as percepções dos idosos sobre o envelhecimento nesses locais, levando em conta suas histórias de vida, experiências e memórias da formação desses espaços e a influência que exerceram sobre eles.

Essa abordagem permite a exploração de aspectos da realidade que não podem ser mensurados (Minayo, 2001), focalizando as ações e interações humanas, assim como as dimensões subjetivas da relação entre idosos e espaço. A pesquisa se concentra nas dinâmicas de sociabilidade e territorialidade, manifestadas nas lutas e resistências cotidianas, assim como nos diferentes modos de vida dos idosos em territórios da reforma agrária.

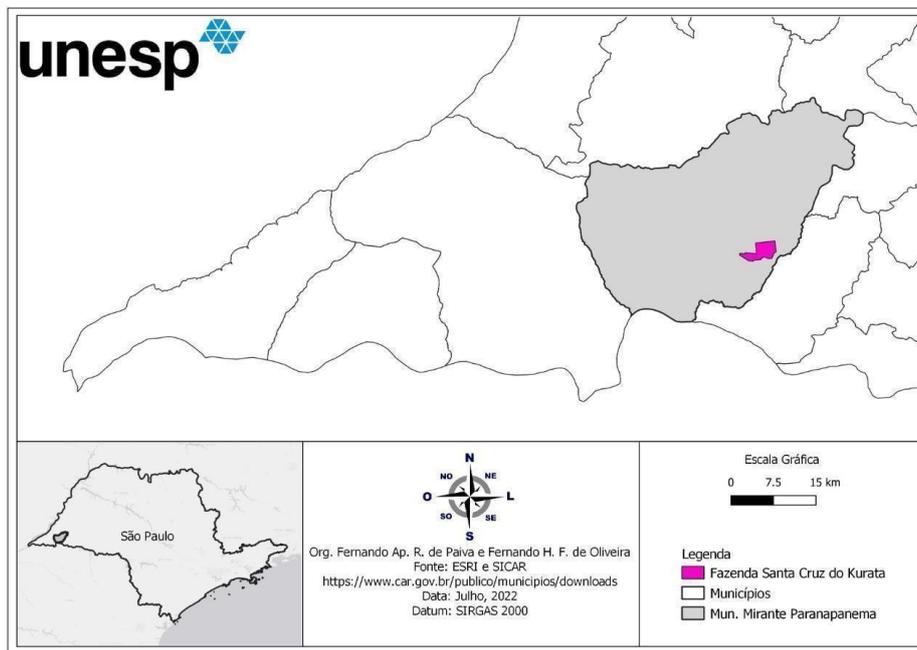
Os princípios da pesquisa qualitativa guiam nosso estudo, centrando-se nos sujeitos, suas trajetórias sociais, ações no espaço e participação na comunidade. Métodos como entrevistas e observações no campo investigam elementos que compõem o cotidiano dos idosos em áreas rurais, revelando suas concepções e vivências do processo de envelhecimento através das interações de seus corpos com o espaço.

Partimos do princípio de que a abordagem qualitativa deve considerar a relação entre sujeito e objeto em todas as fases do estudo (Beaud e Weber, 2007), desde a escolha do tema, a coleta de informações e as atividades de campo, até os vínculos estabelecidos durante a pesquisa e o desenvolvimento da escrita. O objetivo não é falar em nome dos sujeitos, mas permitir que compartilhem suas próprias vivências e perspectivas. Essas abordagens são fundamentais para compreender e analisar as memórias e relatos dos idosos em comunidades como as favelas, explorando suas interações com o ambiente e analisando os conceitos e categorias empregados para interpretar essas dinâmicas.

Destaca-se a importância da constante negociação ao longo da pesquisa, bem como a posicionalidade do pesquisador (Haraway, 1995), a escolha do objeto de estudo, a imersão no campo, a descrição dos sujeitos e o processo de escrita, todos essenciais para a elaboração deste estudo. Através dessa abordagem, podemos compreender a percepção do envelhecimento dos idosos em áreas de conflitos agrários e os desafios relacionados à permanência na terra. A reconstrução das memórias e histórias de vida dos idosos permite identificar as principais dificuldades e as estratégias adotadas para superar os obstáculos relacionados ao envelhecimento, bem como as transformações socioespaciais que influenciam suas condições de vida e a percepção do próprio envelhecimento.

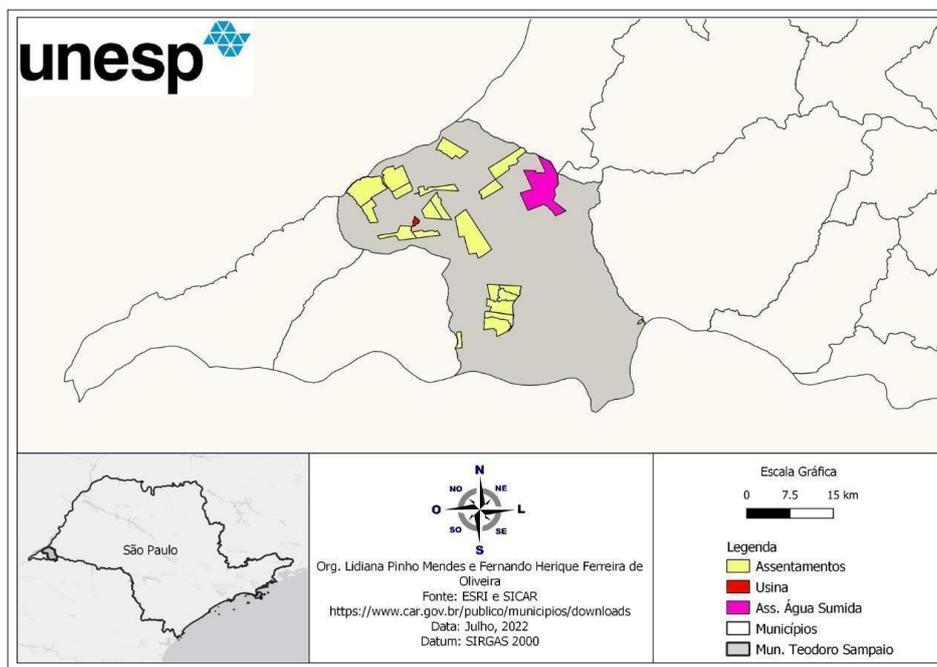
O estudo analisa idosos acima de 60 anos residentes no acampamento Gercina Mendes e no assentamento Água Sumida, localizados nos municípios de Mirante do Paranapanema e Teodoro Sampaio, especialmente aqueles que se instalaram e transformaram esses territórios. Os participantes foram selecionados por meio de uma rede de indicações utilizando o método de amostragem não probabilístico conhecido como bola de neve, até que se alcançasse a saturação dos dados necessários. Esse tipo de amostragem é desenvolvido por meio de cadeias de referência (Vinuto, 2014) e é utilizado para alcançar grupos de difícil acesso ou abordar temas sensíveis (Bockorni e Gomes, 2021), como as experiências de idosos em territórios socialmente estigmatizados.

Mapa 01: Localização da ocupação no acampamento Gercina Mendes na Fazenda Santa Cruz do Kurata - Mirante do Paranapanema/SP.



Fonte: Oliveira (2022).

Mapa 02: Localização do assentamento Água Sumida no município de Teodoro Sampaio – SP.



Fonte: Oliveira (2022).

A estratégia de amostragem em bola de neve é adequada para pesquisas qualitativas que tratam de questões privadas, experiências de vulnerabilidade e situações de conflito. Cada

entrevistado indica outra pessoa que conhece e que pode fornecer informações relevantes, permitindo que os idosos compartilhem suas experiências de vida e descrevam o processo de envelhecimento em seus territórios.

A entrevista em profundidade é uma técnica de pesquisa qualitativa que investiga um tema específico a partir da coleta de informações, percepções e experiências dos entrevistados para serem analisadas e apresentadas de maneira estruturada (Duarte, 2005). Essa abordagem é usada para revelar impressões gerais, sentimentos e motivações dos participantes. A entrevista em profundidade é dinâmica e flexível, permitindo a compreensão de realidades tanto para questões íntimas e privadas quanto para descrever processos complexos (Duarte, 2015).

Neste contexto, as entrevistas foram empregadas para investigar como os idosos do campo percebem e vivenciam o processo de envelhecimento por meio de suas experiências cotidianas e relações no espaço. Esse instrumento permite reconstruir as memórias dos idosos sobre a produção territorial dos acampamentos e assentamentos e os fatores que influenciaram suas trajetórias de vida e interações com o lugar. Queiroz (1988) define a especificidade da entrevista onde o narrador descreve suas experiências ao longo do tempo, buscando reconstituir eventos vividos e transmitir aprendizados. Essa técnica visa captar a trajetória individual e refletir a coletividade e a sociedade, evidenciando a interseção entre o individual e o coletivo.

As entrevistas em profundidade não visam quantificar e categorizar dados, mas compreender a totalidade das experiências dos sujeitos pesquisados. Beaud e Weber (2007) demonstram que essa técnica permite obter uma ampla gama de informações sobre a origem social dos entrevistados, suas trajetórias educacionais, profissionais, residenciais e estado civil. Os dados obtidos dessas entrevistas são contextualizados no tempo e no espaço, situando os sujeitos em seu espaço social.

RECONSTRUINDO MEMÓRIA DE IDOSOS: NARRATIVAS DE LUTAS, RESISTÊNCIAS E ESPERANÇA

Os idosos entrevistados em nosso trabalho são apresentados a partir de suas memórias, com o propósito de reconstruir trajetórias pessoais e coletivas de vida e de envelhecimento, e compreender a constituição do assentamento e do acampamento no tempo e no espaço.

As memórias foram compartilhadas através de entrevistas, onde os recordadores dividiram seus conhecimentos, sentimentos, desejos, tristezas, alegrias, sonhos e visões para o

futuro. Cada indivíduo relata sua jornada de vida e envelhecimento no meio rural baseado em sua experiência pessoal. Ao explorarmos a história dos conflitos agrários da região e a construção social do acampamento e do assentamento, percebemos como a memória individual se entrelaça com a memória coletiva, onde os momentos de luta e as estratégias de sobrevivência e resistência na terra se encontram.

Gauer e Gomes (2006) explicam que, para a memória autobiográfica, a experiência de lembrar pode ser vista sob duas perspectivas teóricas. 1) A memória como lembrança; 2) A memória como aprendizado. Eles afirmam que esse tipo de memória é caracterizado pela recordação consciente da vida de um indivíduo ou de experiências vividas, acompanhada pela sensação de reviver o episódio original e pela convicção de que o evento realmente ocorreu.

A decisão de focar na memória autobiográfica como base de nosso trabalho está relacionada à hipótese de que os idosos têm a habilidade de compartilhar fragmentos de suas vidas. Nesse sentido, Saraiva (2022) sugere cinco ideias do que significa, para os idosos, narrar: 1) relatar histórias de suas vidas; 2) falar sobre o tempo vivido/experimentado; 3) transmitir um legado; 4) testemunhar suas vidas; 5) resistir.

É crucial ressaltar que nossas capacidades de recordação necessitam de suporte para manter nossas lembranças, e que esses suportes podem ser identificados como os lugares, objetos e sujeitos que cruzam nosso caminho (Saraiva, 2022). Nessa perspectiva, os idosos desempenham o papel de recordadores e utilizam esses suportes para a reconstrução.

A escolha de preservar a integridade das memórias autobiográficas reside em reconhecê-las como a força motriz de nossos esforços de reconstrução, sendo a matéria-prima das narrativas que sustentam e dão sentido às experiências de envelhecimento dos idosos rurais. Coletivamente, essas memórias revelam vivências diversas que rompem com formas de trabalho degradantes e remodelam suas trajetórias em acampamentos e assentamentos. Enfrentando questões como latifúndio, desintegração familiar, migração, luto, sofrimento e resistência, esses idosos lutam por melhores condições de vida. A terra é revisitada na memória dos mais velhos, que enxergam o assentamento como uma oportunidade de transformação social em suas vidas.

A transformação do espaço em lugar, em sua dimensão emocional, foi um dos suportes encontrados para que os recordadores pudessem recordar eventos significativos de suas vidas, dos locais onde nasceram, por onde passaram até chegar à terra. Assim, o lugar desempenha um papel crucial na construção das narrativas, uma vez que a memória está associada a diversos lugares. Em nossa pesquisa, a terra é um elemento central que evidencia o apego e respeito dos idosos pelo local onde residem. Os lugares, os objetos e os idosos são

vistos como suportes para evocar e reconstruir memórias, permitindo que os indivíduos compartilhem suas histórias pessoais e coletivas. Por meio da interseção entre memória e velhice, propomos investigar as memórias dos idosos no contexto rural.

As histórias de vida reconstruídas a partir da memória demonstram a possibilidade de superar visões simplistas do envelhecimento, destacando os idosos como indivíduos autônomos e com perspectivas futuras. Foi observado que, apesar dessas interpretações que rotulam os idosos como teimosos, solitários e frágeis, os recordadores reforçam a ideia de que não há uma velhice universal que uniformize as pessoas com base na idade. Os sonhos e planos não envelhecem nem morrem com a idade avançada.

Durante a pesquisa de campo, foram identificadas situações de desconforto em relação aos idosos, manifestadas em conflitos familiares nos quais os mais jovens questionam e desaprovam os relacionamentos amorosos e sexuais na velhice, revelando uma visão preconceituosa sobre essas relações. A prática do ageísmo pressupõe que os corpos envelhecidos não podem desfrutar de uma vida amorosa e sexual ativa na velhice (Laws, 1994). Além disso, foi observado que a orientação sexual e práticas sexuais que fogem do padrão heteronormativo são consideradas tabu entre os idosos que vivem em áreas rurais.

As memórias evidenciam como o preconceito relacionado à idade se conecta a outras formas de discriminação social, como o sexismo e a pressão para manter uma aparência jovem, especialmente para as mulheres idosas, que são incentivadas a esconder os sinais do envelhecimento. Também foram identificadas situações de constrangimento enfrentadas por idosos solteiros e viúvos, que são desencorajados de se relacionar com outras pessoas na velhice, assim como a pressão sobre os homens idosos para manter uma vida sexual ativa.

As histórias de vida dos idosos que vivem em áreas rurais desafiam as narrativas do envelhecimento ativo, que atribuem a responsabilidade por uma experiência bem-sucedida de envelhecimento ao indivíduo. Nas suas falas, os entrevistados mostram a diversidade de idosos e de velhices, destacando que a construção social da juventude e da velhice são resultados de contextos específicos.

Entrevistamos indivíduos com mais de 60 anos, que vivem em assentamentos e acampamentos, para explorar as relações entre o idoso e o espaço. Investigamos como o ambiente rural influencia o processo de envelhecimento. Partimos das memórias individuais dos sujeitos para alcançar a reconstrução da memória familiar e social. Cada história foi transformada em narrativa autobiográfica, abordando aspectos como solidão, desafios da independência, relações familiares, intergeracionalidade, sucessão na terra e relação campo-cidade.

Nas narrativas, a terra representa as raízes camponesas dos idosos. A casa e o lote são vistos como locais de tranquilidade e segurança em comparação com as cidades. A ligação dos sujeitos com a terra é fortalecida pelas relações com a casa e o lote, valorizando o trabalho como forma de reprodução das famílias no assentamento. As memórias foram recontadas em narrativas autobiográficas, compartilhando fragmentos de suas vidas antes, durante e após a conquista da terra. As entrevistas foram realizadas nos lotes dos idosos para que se sentissem confortáveis ao compartilhar suas histórias.

Ao término de cada memória reconstruída, analisamos os momentos mais marcantes da história de cada recordador. Nessa avaliação, ressaltamos a importância do envelhecimento nas histórias de vida dos idosos no contexto de luta e conquista da terra no Pontal do Paranapanema. Normalmente, cada memória é recriada em um tempo e espaço específicos, permitindo que cada idoso reflita sobre diferentes fases de sua vida.

A ideia dos pontos brilhantes abordados por Silva (2004; 2006) destacam os momentos mais cruciais na trajetória de vida de cada idoso entrevistado. Essas narrativas exploram diversas dimensões relacionadas à representação da vida do recordador, trazendo à tona imagens da terra, da natureza, da moradia, da família e das batalhas e resistências em ambientes rurais.

As memórias seguem caminhos distintos, mas convergem nas dimensões da terra, do trabalho e da vida almejada a partir da reprodução do assentamento. A terra está profundamente enraizada na memória dos mais velhos, sendo o campo o ponto de partida e de chegada de cada trajetória lembrada, e a luta pela terra representa um espaço de transformação social, rompendo com as condições de vida e trabalho precárias do passado.

As narrativas evidenciam que a compreensão do envelhecimento vai além de uma perspectiva biológica, sendo concebida pelos entrevistados como um fenômeno socialmente construído. Esse fenômeno engloba diversas visões sobre a velhice, que ultrapassam a questão da idade. Nas suas memórias, a construção do significado do idoso é multidimensional e baseada no princípio da diversidade, pressupondo, portanto, uma variedade de experiências de velhice e de idosos, variando em relação aos marcadores sociais de gênero, cor e raça, espaço e níveis de renda.

Para preservar a identidade dos participantes da pesquisa, optou-se por designá-los com nomes de árvores e plantas presentes no assentamento e significativas em suas histórias. Durante o trabalho de campo, observamos que muitos dos entrevistados demonstraram entusiasmo ao compartilhar o afeto e a dedicação que dedicavam a essas espécies vegetais em seu dia a dia.

A *Palmeira* (74 anos) marcou a chegada do entrevistado 1 ao assentamento, sendo a primeira árvore plantada pela família. O *Oiti* (67 anos) representa o cuidado e carinho pelas plantas no lote do entrevistado 2. Já a *Araucária* (74 anos) simboliza a origem e a história familiar da terceira entrevistada, natural do Paraná. A *Primavera* (67 anos) simboliza a beleza e o carinho pelas plantas no quintal da entrevistada 4. A *Sapucaia* (94 anos) reflete a sabedoria e as experiências de vida da quinta entrevistada, a mais idosa do assentamento. A *Aroeira* (77 anos) remete à infância e às memórias vividas na Bahia pela sexta entrevistada. O *Mandacaru* (80 anos) representa a resistência e a origem nordestina da sétima.

O *Café* (84 anos) tem importância pessoal, familiar e econômica na trajetória do entrevistado 8. A *Rosa* (79 anos) representa os momentos de luta e resistência na vida da nona entrevistada. O *Cedro* (82 anos) foi escolhido espontaneamente pelo 10º entrevistado, sendo considerado uma excelente árvore para a produção de móveis. O *Ipê* (67 anos) simboliza as batalhas diárias da última entrevistada e os sonhos familiares na terra.

As árvores simbolizam a origem da vida, a formação de famílias e a ligação dos idosos com suas raízes. O ciclo de queda e renascimento dos galhos, folhas e flores representa o movimento desses indivíduos pelo espaço, marcado por encontros e desencontros, onde os sonhos de vida e reprodução na terra prevalecem.

Quadro 1. Perfil e origem social dos(as) recordadores(as).

Nome	Idade	Estado Civil	Local de origem	Escolaridade	Cor ou raça
Palmeira Assentamento Água Sumida	74	casado	Rio do Antônio/BA	Ensino Fundamental (Incompleto)	Negro
Oiti Assentamento Água Sumida	67	casado	Dourados/MS	Ensino Fundamental (Incompleto)	Branco
Araucária Assentamento Água Sumida	74	viúva	Diamante do Norte/PR	Ensino Fundamental (Incompleto)	Branca
Primavera Assentamento Água Sumida	67	viúva	Narandiba/SP	Ensino Fundamental (Incompleto)	Negra
Sapucaia Assentamento Água Sumida	94	viúva	Teófilo Otoni/MG	Ensino Fundamental (Incompleto)	Branca

Aroeira Assentamento Água Sumida	77	viúva	Feira de Santana/BA	Ensino Fundamental (Incompleto)	Negra
Mandacaru Assentamento Água Sumida	80	viúva	Santana do Mundaú/AL	Ensino Fundamental (Incompleto)	Branca
Café Assentamento Água Sumida	84	casado	Rio Branco/MG	Ensino Fundamental (Incompleto)	Branco
Rosa Acampamento Gercina Mendes	79	viúva	São João do Paraíso/MG	Ensino Fundamental (Incompleto)	Negra
Cedro Acampamento Gercina Mendes	82	viúvo	Anhumas/SP	Ensino Fundamental (Completo)	Branco
Ipê Acampamento Gercina Mendes	67	viúva	Nossa Senhora das Dores/ES	Ensino Fundamental (Incompleto)	Negra

Fonte: Oliveira (2022).

DA LUTA PELA TERRA À LUTA NA TERRA: CONFLITOS E RESISTÊNCIAS NO PONTAL DO PARANAPANEMA

A realização da pesquisa de campo nos permitiu compreender os movimentos de pessoas idosas pelo espaço em busca de melhores condições de vida através da reforma agrária. No Brasil, as ocupações de terra são a principal forma de luta dos trabalhadores rurais por acesso à terra, levando o Estado a criar assentamentos rurais em resposta a essas ações.

Apesar do cenário de conflitos e tensões, o acampamento também é um local de resistência e interesses compartilhados. As histórias dos entrevistados mostram que permanecer na terra é uma consequência da luta pela terra, exigindo que as famílias assentadas desenvolvam estratégias para se manter nos lotes. Os idosos destacam que as experiências de luta e resistência foram fundamentais na construção de suas identidades como sem-terra. Eles ressaltam a importância de compreender o contexto em que vivem e de continuar lutando por seus direitos.

As memórias evidenciam que a compreensão sobre a reforma agrária vai além da questão da posse de terra, abrangendo outras dimensões estruturais da sociedade, como saúde, educação, distribuição de renda, alimentação e preservação ambiental. De acordo com Silva (2004, p.90), “lutar pela terra significa lutar pela inclusão social, pelo fim do desenraizamento

imposto, pela conquista do lugar, do território para morar e viver”.

Assim, a luta pela terra está relacionada às demandas por reconhecimento de direitos, cidadania e justiça social. Os idosos entrevistados destacam a luta e a resistência como elementos significativos. Além do aspecto político, a vivência no acampamento é vista como um ritual emocional e místico para a reprodução socioterritorial na terra.

No entanto, esse período de transição apresenta desafios, marcados por diversas dificuldades. A vida em barracas de lonas é árdua, e as condições climáticas instáveis, como mudanças de temperatura e chuva, podem causar desconforto térmico e danificar as estruturas dos abrigos. Conflitos decorrentes da insegurança e violência, juntamente com a falta de infraestrutura básica, também contribuem para as adversidades no acampamento.

As memórias dos idosos em acampamentos e assentamentos ajudam a elucidar as motivações e trajetórias. Elas reconstroem o fazer-se dos espaços do acampamento e do assentamento, assim como o envelhecimento das estruturas produtivas e habitacionais. O uso da memória é essencial para compreender as experiências dos idosos em áreas de conflitos agrários.

As lembranças do acampamento permanecem vivas na memória daqueles que passaram por essa experiência. Alguns carregam consigo as dificuldades e os sofrimentos enfrentados na época. Os barracos de lona representam um período desafiador, marcado pela vida, luta e trabalho.

Os primeiros momentos no assentamento foram repletos de obstáculos, com a falta de infraestrutura básica, água, energia e problemas nas estradas ameaçando a permanência no local. As famílias aguardavam meses pelos frutos da terra, vivendo na fragilidade e pobreza dos barracos.

No assentamento, surgiu um novo modo de vida baseado na reprodução territorial e resistência. A luta pela terra não se encerra com a conquista do lote, mas continua dentro do assentamento. Com o tempo, os espaços sociais se transformam em locais de múltiplos significados.

Ao analisar as lutas pela terra na região, identificamos resistências e estratégias camponesas, como a produção de alimentos para consumo próprio e atividades econômicas como a pecuária leiteira e a venda de mandioca. A resistência aos arrendamentos da usina canavieira também foi evidenciada em nosso estudo de campo.

A utilização da memória como estratégia para coletar informações possibilitou reconstruir partes da história de idosos que batalharam e ainda batalham por direitos de terra e cidadania. Em suas narrativas, eles relatam as relações e estratégias da luta, os bastidores da

decisão de ingressar no acampamento e alcançar o assentamento. Eles compartilharam seus desejos, dificuldades financeiras, questões de alimentação e saúde, desconforto com a vida precária e constantes temores de violência e morte. Elementos tangíveis e simbólicos se entrelaçam com lembranças de um passado e futuro desafiadores, onde o sentimento predominante é o amor pela terra.

As dimensões da luta pela terra no acampamento Gercina Mendes

A disputa pela posse de terras no acampamento Gercina Mendes é evidenciada pelas ações do MST, que ocupa a Fazenda Santa Cruz do Kurata desde 1995. Segundo dados coletados no campo, a fazenda foi ocupada mais de 10 vezes pelo movimento e abrange uma área de 1.400 hectares, situada em Mirante do Paranapanema/SP.

Os idosos entrevistados mencionaram que o acampamento leva o nome da militante Gercina Mendes, que liderou as ações do movimento por mais de uma década na região e faleceu em decorrência de um câncer de pâncreas. Gercina foi uma liderança significativa, assim como Miriam Farias, uma idosa que morava no assentamento Paulo Freire, em Mirante do Paranapanema. Miriam foi uma figura histórica e referência na luta pela terra, em defesa da saúde popular e do SUS, com uma importante contribuição na criação do Setor de Saúde no estado de São Paulo.

Ao longo de sua trajetória, Miriam enfrentou complicações de saúde decorrentes da violência física sofrida em sua luta pela terra no Pontal do Paranapanema. Em fevereiro de 1997, ela foi baleada durante uma ocupação na fazenda São Domingos. Tanto Gercina quanto Miriam foram lideranças regionais, cuja organização e inspiração continuam a influenciar aqueles que hoje envelhecem na luta por seus direitos. Miriam faleceu já idosa, mas sem abandonar a luta, deixando um legado de resistência (MST, 2021).

Essa ocupação está ligada à demanda de terra na fazenda, organizada pelo MST. Conforme relato de uma liderança local, o acampamento conta atualmente com 40 famílias cadastradas, totalizando 120 pessoas, sendo em média 8 idosos no grupo. A demanda por terra é composta por indivíduos de diversas origens e histórias, com destaque para os grupos de Mirante do Paranapanema, Sandovalina, Presidente Prudente e moradores dos assentamentos locais (Oliveira, 2022).

Essas terras foram identificadas como improdutivas e consideradas devolutas. Coordenadores locais afirmam que a retomada da ocupação é uma estratégia essencial para pressionar o governo a tomar posse das terras devolutas e estabelecer mais assentamentos para

abrigar famílias sem-terra. As condições socioeconômicas, especialmente durante a pandemia, evidenciam um aumento na demanda por terra no Brasil, devido ao desemprego, à fome e à desigualdade nos últimos anos. Nesse contexto, a terra é vista como um meio de garantir a reprodução da vida e do trabalho.

Foto 01: Disposição espacial dos barracos. Acampamento Gercina Mendes - Mirante do Paranapanema/SP.



Fonte: Oliveira (2022).

Durante o acompanhamento das trajetórias dos camponeses nesses movimentos, Silva (2004) caracteriza o acampamento como um espaço-tempo intermediário, um momento de transição que busca visibilizar a luta dos trabalhadores pela terra. A autora destaca que a decisão dos indivíduos que se engajam no movimento pela terra nem sempre é racional, havendo uma dimensão emocional e inconsciente por trás dessa decisão, composta por elementos objetivos e subjetivos.

As histórias das pessoas vivendo nos acampamentos envolvem sentimentos de indignação e injustiça, resgatando lembranças de dificuldades passadas e condições precárias de trabalho. Reconectar-se com a terra, garantir a segurança da vida no lote e escapar de um ambiente marcado pelo desemprego, fome e desigualdade são os motivos que impulsionam esses indivíduos a se deslocarem pelo território e se engajarem na luta pela terra.

O trabalho na terra é valorizado pelos mais velhos, que almejavam uma melhoria nas condições de vida ao se mudarem para o lote, destacando a importância do trabalho em família, da produção de alimentos provenientes da agricultura e pecuária, e refletindo sobre o papel estratégico dos assentamentos na redução das disparidades regionais e no desenvolvimento da

economia.

Os idosos acampados se orgulham de participar das atividades ligadas à ocupação no acampamento. Aos domingos, as famílias se reuniam na área comum do acampamento para discutir estratégias de luta, debater as atividades e programação do dia e planejar os próximos passos do movimento de ocupação.

As barracas não seguem um padrão ou plano predefinido, sendo posicionadas de acordo com a ordem de chegada e proximidade das pessoas. Além disso, há um espaço coletivo para reuniões e atividades no acampamento. Além dos banheiros improvisados com lona e madeira, o acampamento conta também com uma cozinha comunitária em uma das barracas de uma das famílias.

Cada barraco contém colchões, vestuário, utensílios de cozinha, mesas, cadeiras e fogão para preparar alimentos. Neste acampamento, os ocupantes não possuem geladeiras em suas tendas devido à falta de energia elétrica e água encanada no local. Já no acampamento-base, próximo à fazenda, a infraestrutura é mais completa, oferecendo eletricidade e água para as famílias.

Fotos 02 e 03: Utensílios no interior dos barracos. Acampamento Gercina Mendes - Mirante do Paranapanema/SP..



Fonte: Oliveira (2022).

Apesar dos desafios, algumas famílias se uniram para realizar atividades agrícolas de forma coletiva no acampamento. Existe uma área destinada ao cultivo de diversas plantações,

como feijão, milho, mandioca, melancia e árvores frutíferas. No contexto das lutas e resistências no campo, a ligação com a terra era ainda mais intensa.

Em entrevistas com idosos que vivem no acampamento, é possível identificar alguns aspectos marcantes de suas vidas antes de chegarem ao local: experiências de trabalho no meio rural através de arrendamentos, empregos assalariados e trabalho temporário como boia-fria. São abordadas origens sociais, trajetórias profissionais, aspectos familiares e a rotina diária. Também são mencionadas situações de conflito e pressão relacionadas à luta pela terra, como a presença de capangas e ações de despejo com a intervenção da polícia.

A batalha pela permanência no assentamento Água Sumida

Localizado no município de Teodoro Sampaio, o assentamento Água Sumida é composto por 121 lotes atualmente. Situado em uma das regiões mais pobres do interior de São Paulo, no Pontal do Paranapanema, sua formação é fruto da luta pela terra na região, liderada por trabalhadores rurais e sem-terra.

A criação do assentamento se deu através de ocupações na antiga fazenda Água Sumida, por acampados que estavam nas proximidades das rodovias: trevo de Euclides da Cunha Paulista, trevo da Destilaria Alcídia e Acampamento 27 de Setembro, em Planalto do Sul, distrito de Teodoro Sampaio (Silva e Feliciano, 2011). Segundo os autores, a implantação do Água Sumida ocorreu com a desapropriação de terras devolutas e griladas no município de Teodoro Sampaio, sendo estabelecido em uma área anteriormente utilizada como pastagem.

As constantes disputas entre latifundiários e trabalhadores sem-terra, liderados pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), resultaram na desapropriação da área para a reforma agrária em 27 de maio de 1986. O processo de luta pela terra durou aproximadamente três anos (1985 a 1988), em um contexto de intensas batalhas protagonizadas por trabalhadores sem-terra nas décadas de 80 e 90 na região do Pontal do Paranapanema. A terra se destaca como elemento fundamental nas histórias dessas famílias, representando uma possível transformação em suas vidas.

Durante o processo de reconstrução do local, os objetos e as pessoas desempenham um papel crucial para que os idosos possam recordar suas origens, traçar suas raízes e refletir sobre a experiência do envelhecimento no meio rural. As lembranças trazem uma sensação de nostalgia, lembrando momentos dramáticos vividos em acampamentos e assentamentos, assim como momentos de descontração.

Na foto abaixo, são apresentados dois exemplos de objetos que ajudaram na

reconstrução da memória dos idosos. A carroça trouxe uma sensação nostálgica para Dona Araucária, relembrando os momentos vividos com seu marido. Ela também mencionou a produção de leite, que por muitos anos foi a principal fonte de renda da família. O carrinho era utilizado pelo marido para vender e entregar laticínios na região do assentamento. O segundo objeto é o forno a lenha, que desperta memórias dos momentos em família compartilhando os alimentos assados nele. Araucária recorda com alegria os pães assados no forno. Através desse objeto, ela conseguiu se reconectar com seu passado e relembrar a infância vendo sua mãe cozinhar em um fogão a lenha.

Fotos 04 e 05: Carroça e forno de lenha no lote de D. Araucária. Assentamento Água Sumida - Teodoro Sampaio/SP.



Fonte: Oliveira (2022).

Um dos aspectos mencionados pelos idosos foi o início da construção do assentamento, naquela época marcada pela precariedade das estradas e do transporte, além da falta de infraestrutura com água e energia elétrica. Mudar-se para um assentamento significou uma nova perspectiva de vida. No entanto, no início, essas famílias enfrentaram fome, pobreza e vulnerabilidade social.

Outro ponto abordado nas histórias é a dificuldade econômica dos projetos ligados às atividades agrícolas, como é o caso da produção de leite, exemplificada pelo Sr. Oiti. Os idosos também mencionaram as origens das relações comunitárias, associações e cooperativas que surgiram no assentamento.

Os dados de campo indicam que, atualmente, as principais fontes de renda no assentamento vêm da pecuária leiteira, do trabalho nas usinas de cana-de-açúcar, do arrendamento de terras para o cultivo de mandioca e amendoim e da aposentadoria dos idosos. As estratégias adotadas por esses idosos refletem os desafios de permanência na terra. Conforme Silva (2004), no assentamento Água Sumida, o trabalho familiar é essencial para a subsistência das famílias.

No trabalho de campo, foi possível observar uma diferença entre a área ocupada pelo assentamento e o entorno, onde predomina o cultivo exclusivo de cana-de-açúcar. Concordamos com a autora ao afirmar que as marcas deixadas pelo trabalho familiar alteraram a paisagem, que antes era dominada pelo agronegócio, transformando-a em pequenas propriedades. De maneira geral, os assentados veem a terra como um espaço de trabalho, sustento econômico e vida.

Ao abordarmos a vida dos idosos a partir de suas próprias memórias eles compartilharam suas frustrações e expectativas em relação aos projetos de vida, contando suas origens e como chegaram ao acampamento e posteriormente ao assentamento. Fome, frio, violência, desafios, resistência e conquistas marcam esses momentos. Utilizamos a metáfora das árvores da memória para descrever a jornada desses indivíduos que encontraram na terra a oportunidade de reconstruir suas vidas e trabalho no assentamento.

MEMÓRIAS E VIVÊNCIAS ESPACIAIS NAS RELAÇÕES ENTRE OS IDOSOS E A TERRA

Na sua obra, Bosi aborda como os indivíduos estabelecem diferentes conexões com o ambiente de acordo com o contexto socioespacial em que estão inseridos. No estudo realizado com idosos, essa relação é mais próxima a partir da casa e do lote, sistema de objetos essenciais para a sobrevivência desses sujeitos no rural. A casa representa uma ligação mais profunda com a terra, sendo o local de cultivo de alimentos, criação de animais e aquisição de conhecimentos ligados à produção.

A casa é destacada em todas as histórias como um espaço de acolhimento familiar, refúgio, paz e tranquilidade. Ela é o principal cenário das lembranças da infância, onde são formados os primeiros laços afetivos, conectados no imaginário das crianças com outros espaços como o quintal, a rua e o bairro (Bosi, 2004).

Na narrativa de D. Ipê, a casa representa a lembrança da sua infância pobre no interior de Sergipe. Ela utiliza a casa como um suporte para recordar as relações familiares, o seu modo

de vida e a arquitetura das casas da região naquela época. Para ela, a casa de pau a pique é o local que remete às situações de escassez, mas também às relações e encontros familiares.

Outra coisa que lembro dos tempos de lá é o jeito que o povo fazia as casas. As casas eram feitas todas com barro, depois pegava aquelas varinhas de pau e assentava para segurar a casa em pé. Eu lembro que era tudo desse jeito, pegava as varetas de pau e depois completava com barro e todo mundo morava desse jeito. Você já viu aquelas casinhas de marimondo, que são feitas de barro também, era mais ou menos desse jeito as casinhas por lá. O povo não faz nem ideia de como era, mas todo mundo vivia assim e hoje o povo faz pouco-caso dos mais velhos, mas eles ensinavam muitas coisas. Sabe aquele barro das casinhas do marimondo, feito de terra, o povo mais antigo usava para tratar da caxumba. Eu me lembro de muita coisa do norte e o que lembro é que era uma vida sofrida. O meu pai casou mas morava de favor nas terras do meu avô, tinha que trabalhar a semana toda para poder sustentar a família e naquele tempo não era como hoje em que a pessoa só tinha um filho, meus pais tiveram 3, mas meus avós tiveram 4, 5 ou 6, tiveram muito mais. Sei que era uma vida muito sofrida porque tinha que trabalhar por dia para que no fim de semana tivesse dinheiro para comprar os mantimentos que precisasse, né (**Ipê, 67 anos - Acampamento Gercina Mendes**).

D. Ipê descreve em suas memórias a construção desse tipo de casas, as brincadeiras realizadas ao redor delas e a rotina na roça, incluindo o trabalho e a plantação. Nessa narrativa, a casa é vista como o espaço que recorda a vida em tempos passados. A sua história de trabalho desde os 7 anos de idade é um exemplo de como a memória da infância se manifesta com intensidade, lembrando do labor na roça e da produção de alimentos para a família.

Os percursos de deslocamento pelo espaço geram novas percepções nos indivíduos em relação à importância da casa como um local de lembranças. A construção e reconstrução das casas e das vidas em um novo lugar estabelecem uma nova ligação espacial e emocional dos sujeitos com a residência. Neste sentido, a residência erguida pelo Sr. Oiti em seu terreno simboliza um espaço de lembranças, onde ele viveu com sua esposa e criou seus filhos.

Os idosos também relatam como o trabalho na terra modificou o espaço e a paisagem do assentamento, desde o início até os dias atuais. A remoção da vegetação para demarcar os lotes, a construção das casas, plantações e estruturas ligadas à pecuária são as principais transformações dentro do assentamento.

Lembro que foi muito difícil a nossa chegada aqui no assentamento, pois não tínhamos nada e tivemos que começar do zero de novo. Não tinha água, energia e muito menos comida. Quando nos mudamos pra cá fizemos um barraco de lona lá embaixo. Assim que chegamos fomos nos ajeitamos, colocamos uns colchões no chão, mas para nossa sorte São Pedro mandou uma chuva naquela noite que molhou tudo que tinha dentro do barraco. Enfrentamos isso no primeiro dia aqui no assentamento. Na hora do desespero, saímos levantando tudo que dava e por uma benção divina nós tínhamos um vizinho que morava no lote aqui perto e fomos nos abrigar lá. Ele ainda falou que estava molhando lá também. Não é fácil, não. Nunca vou

me esquecer do tanto de água que caiu naquele dia, veio e molhou tudo, levou todas as nossas coisas com essa chuva (**Palmeira, 74 anos - Assentamento Água Sumida**).

O nosso começo aqui foi muito difícil, entramos no lote praticamente do zero, não tinha nada na época, nem luz e nem água para fazer o básico, nós tivemos que batalhar e correr atrás de tudo isso. (...) Era muito sofrido a vida no barraco, principalmente em época de frio quando a gente não tinha casa e tinha que colocar nossas coisas tudo no meio do tempo para fazer um barraco para a gente ficar, era bem sofrido dormir no barraco de lona, até hoje eu lembro dessa sensação ruim, era um frio que doía os ossos. Naquela época o tempo era bem mais frio que hoje, tinha geadas e tudo. Hoje eu posso dizer que estou no céu, levo uma vida sossegada e sei que todo esse tempo que ficamos lutando valeu a pena. (**Primavera, 67 anos - Assentamento Água Sumida**).

Nas lembranças dos idosos, a chegada ao assentamento foi um período de incertezas, com desafios agravados pela falta de infraestrutura básica para se estabelecer na área. O início dessa nova fase é lembrado pelo Sr. Palmeira quando ele pisou nas terras de Água Sumida, recordando o mato e as árvores da Leiteira que cobriam toda a região do assentamento. Naquela época, não havia casas construídas nem plantações de cana-de-açúcar ao redor, como é tão comum nos dias de hoje.

Lutas, enfrentamentos e desafios são termos marcantes nas narrativas dos idosos sobre o início no assentamento. Esse momento crucial em suas histórias é caracterizado por diversos obstáculos e dúvidas em relação ao futuro e à permanência na terra. As recordações sobre a vida no assentamento são acompanhadas de indignação e revolta devido à falta de suporte em relação à disponibilidade de água, energia e infraestrutura necessária para garantir o mínimo de qualidade de vida.

Após se estabelecerem em seus lotes, essas famílias enfrentam muitos desafios devido à falta de moradia, acesso à água, energia elétrica e infraestrutura viária. Com a posse do lote, a luta pela cidadania e permanência na terra se intensifica, os assentados se veem em um ambiente negligenciado pelo Estado e, por meio de tensões e conflitos, desenvolvem diversas estratégias de resistência para sobreviver no projeto e permanecer na terra.

Os assentados transformaram os espaços e a paisagem do assentamento de acordo com o ambiente construído, organizando suas casas e lotes e expandindo as áreas de produção para agricultura e pecuária, através do cultivo de hortas, plantações e criação de animais para produção de leite. Com o passar do tempo, a paisagem da antiga fazenda foi substituída por um novo espaço baseado em uma relação mais próxima entre as pessoas e a terra, dinamizada pelo trabalho das famílias assentadas.

As principais mudanças no espaço foram causadas pelas atividades ligadas ao

agronegócio canavieiro, que alteraram a paisagem rural devido à presença da cana-de-açúcar. Os moradores lembram que no passado não havia tanta cana nas redondezas e dentro do assentamento. Antes do aumento dos arrendamentos de cana, a terra era utilizada principalmente para a criação extensiva de gado, cultivo de algodão e soja, durante o período da antiga fazenda, anterior à formação do assentamento (Silva e Feliciano, 2015).

Ao analisarmos o envelhecimento do espaço, percebemos que as principais transformações ocorreram na organização doméstica e produtiva dos lotes, resultando em mudanças na paisagem local, com a construção e expansão das casas, organização dos quintais, cultivo de hortas, plantação de mangueiras e pastagens. Essa dinâmica também afetou os equipamentos coletivos na Água Sumida, como a escola, posto de saúde, salão comunitário e igrejas. Assim, as ações dos moradores dinamizaram as estruturas e atividades no assentamento, promovendo uma transformação.

Os idosos mencionaram que uma estratégia importante para manter as famílias no assentamento é arrendar parte dos lotes para o cultivo de amendoim e mandioca, em troca da reforma das pastagens para a criação de gado e produção de leite.

Outro aspecto observado foi o aumento na venda das benfeitorias nos lotes. Segundo os entrevistados, esse processo ocorre por diversos motivos, como origem e perfil das famílias, falta de habilidade para o trabalho rural, ausência de infraestrutura, questões de sucessão familiar, escassez de mão-de-obra nos lotes, solidão e envelhecimento.

Memória da Terra

Quando abordamos a memória da terra, estamos refletindo sobre as conexões e os laços que os mais velhos estabelecem com esse território ligado à sua subsistência no campo. Para abordar esse tema, realizamos um estudo de reconstrução levando em consideração a totalidade histórica dos indivíduos, suas lembranças da infância, a sua origem familiar, vida pessoal, sua trajetória profissional, entre outros aspectos.

Nosso intuito foi coletar informações para compreender como a terra surge pela primeira vez na vida dos idosos e de que forma ele permanece em seus horizontes. Todos os idosos entrevistados neste estudo nasceram e cresceram no campo. A origem e a trajetória de vida, familiar e de trabalho no meio rural é o elo que une as memórias reconstruídas. A dimensão do rural e a reprodução da vida no assentamento foram os pontos de partida e de chegada para analisarmos como o espaço pode influenciar de maneira apoiadora ou desafiadora a trajetória de vida e as experiências de envelhecimento em áreas de acampamento e de

assentamento rural.

Em algumas narrativas, a terra se revela como o elo que reúne as famílias que se desestruturaram nos contextos da urbanização e migração, e se reconstruíram nos lotes do assentamento. A terra é o centro na vida desses idosos, foi o motivo que os impulsionou a se aventurarem em áreas de conflito e tensões para realizarem o sonho de se reproduzirem em seus lotes.

As lembranças e os relatos são influenciados por indivíduos que, apesar das disparidades, compartilham muitos aspectos em comum. A realidade nos acampamentos e nos assentamentos é complexa, com sujeitos de diversas origens, resultando em uma realidade diversificada. As origens e as estratégias adotadas para permanecer na terra ou conquistar um lote variam de acordo com cada contexto.

O campo, visto apenas como um local para atividades agropecuárias, não é capaz de explicar as histórias de vida e a realidade social dos assentamentos e acampamentos. Nas narrativas dos idosos, a vida rural e a experiência no lote vão além do aspecto agrícola e fundiário, sendo construídas como um modo de vida dos assentados e acampados em busca de sua reprodução socioterritorial.

As primeiras famílias adotaram diversas estratégias para se manter nos lotes, desde a exploração da terra e construção das casas até a colheita das primeiras plantações. Foi uma batalha árdua, que não terminou com a conquista da terra.

Ao analisar as trajetórias desses indivíduos, identificamos particularidades em suas histórias. Todos os idosos possuem raízes e experiências no meio rural, desde a infância até a idade adulta. Observamos que tanto os assentados quanto os acampados passaram por diversas formas de trabalho no campo, seja como arrendatários, sítiantes ou trabalhadores em plantações diversas. Em relação à origem social, os idosos são provenientes de diferentes estados — Bahia, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, São Paulo e Alagoas — e trilharam percursos migratórios por várias regiões do país antes de se fixarem no Pontal do Paranapanema. Atualmente, todos são aposentados; alguns produzem para consumo próprio, enquanto outros utilizam a leiteira pecuária como fonte de renda.

A terra é o foco central em todas as histórias, sendo descrita na perspectiva dos idosos como uma dimensão afetiva ao lugar, sua produtividade relacionada ao seu uso e um sentimento de ligação ao espaço rural. Ela se reconstrói num movimento contínuo e descontínuo, marcado por chegadas e partidas nas memórias dos mais velhos, surge na infância como trabalho familiar nos sítios, fazendas ou no arrendamento, ganha importância na vida adulta com a luta pela terra, e permanece viva na velhice como um território de continuidade social e reprodução

territorial.

As experiências dos idosos revelam que a conexão com a terra começa cedo e se desenvolve ao longo do tempo. Mesmo com o processo de deslocamento causado pela urbanização e industrialização, que levou muitas famílias a se mudarem para as cidades, não apagou essa ligação. A luta pela terra e o cotidiano do assentamento demonstram que essa conexão se fortalece com o passar dos anos e perdura na velhice.

O sítio é o que sonho desde que saí do Sergipe com minha família. Igual esses dias, eu acordei de madrugada e deixei uma fresta da barraca aberta e vi aquele céu todo estrelado, pensa numa coisa mais linda, céu limpinho e cheio de estrelas iluminando a gente. Eu falei: - “*Meu Deus! Que coisa mais linda esse céu*”. Na cidade não se encontra uma visão bonita dessas, as luzes, a poeira e a fumaça não deixam o céu ficar tão bonito. Você só vê o céu se sair no escuro (Ipê, 77 anos - Acampamento Gercina Mendes).

Em suas lembranças, Ipê se orgulha da ligação que estabeleceu com a terra, recordando os conhecimentos ligados à agricultura adquiridos desde a infância. No caso da entrevistada, essa ligação se aprofunda com a idade e, apesar de residir na cidade, o desejo de viver em seu próprio pedaço de campo permanece.

O incentivo para a participação dos idosos no movimento pela reforma agrária foi a ideia de produzir e consumir alimentos diretamente da terra, pois lamentavam ter que comprar alimentos no mercado que poderiam ser cultivados em casa, como mandioca, abóbora e milho, conforme mencionado na entrevista. Ipê recorda com precisão o momento em que decidiu lutar pelo sonho da terra, ao procurar mandioca na casa de um amigo que se estabeleceu em um assentamento em Sandovalina, nesse instante a recordadora teve a confirmação de que a terra era essencial em sua vida, fundamental para a sustentação de sua família por meio do trabalho. A partir desse momento, ela teve a certeza de que seu desejo era viver na terra.

Outros idosos enxergaram no meio rural uma oportunidade de transformar suas vidas e escapar do sofrimento presente no arrendamento, na violência e no desemprego das áreas urbanas. D. Primavera narra as condições de trabalho nos arrendamentos das fazendas durante sua estadia no Paraná. Sujeitas a constantes mudanças e exploração por parte dos patrões, ela percebeu a importância de investir em seu sonho e lutar pela sobrevivência na terra.

Antes de vir para cá, bem antes, eu sofria muito para tocar arrendamento. Era muito ruim porque ficávamos um ou dois anos naquela vida e depois tinha que desocupar aquele arrendamento e ir atrás de outra terra para gente tocar, era tudo em terra de fazenda. E hoje o que sinto é resultado de tudo que passei nessa vida, eu trabalhei demais, lavei muita roupa debaixo da água e andava o dia todo com balde em cima da cabeça no sol, então foi uma vida bem sofrida para chegar aonde eu cheguei. Eu trabalhei muito mesmo e hoje eu já não faço tanto porque não aguento, mas antes eu fazia de tudo, mexia com maquinário, trator, tirava leite e pegava tudo que era serviço. Hoje eu

não quero saber de mais nada, eu não estou aguentando (**Primavera, 67 anos - Assentamento Água Sumida**).

As lembranças reconstruídas revelam como a organização do movimento permitiu que os idosos restabelecessem sua conexão com a terra, perdida na infância ou juventude devido ao desemprego, urbanização e vida nas cidades.

Memória Trabalho

As memórias dos idosos evidenciam a importância do trabalho como um elemento essencial para a reprodução dos indivíduos na sociedade, especialmente no aspecto econômico. Cada entrevistado relata com orgulho as experiências adquiridas ao longo de suas trajetórias profissionais. Em linhas gerais, conseguem recordar suas atividades, métodos e remunerações em empregos anteriores. Dos 11 participantes, todos recordam suas ocupações e destacam a infância como o ponto de partida de suas jornadas laborais.

Em meio à pobreza e adversidades, o trabalho agrícola foi uma das alternativas encontradas para sustentar suas famílias no meio rural, os idosos em suas memórias, descreve minuciosamente suas trajetórias profissionais antes de se mudar para o assentamento. Eles explicam as responsabilidades de cada cargo ocupado, evidenciando como a exposição a condições de trabalho degradantes pode afetar negativamente a saúde e a vida dos trabalhadores, principalmente na terceira idade.

Por outro lado, em suas lembranças os idosos também abordam o trabalho de forma positiva, como uma atividade essencial para a subsistência econômica e a reprodução social. É notável que as narrativas revelam as marcas da exploração laboral no corpo e na memória dos entrevistados, agravando-se com o avançar da idade. Os idosos trabalhadores relatam como os problemas físicos decorrentes de suas funções laborais se intensificaram ao longo dos anos, manifestando-se em dores e desconfortos na velhice.

Os idosos expressam lembranças de grande sofrimento e exploração ao relatar as diversas vivências laborais ao longo de suas vidas como trabalhadores. O início da atividade laboral na infância revela condições de vida difíceis, marcadas por desafios financeiros, deslocamentos em busca de emprego e situações de extrema carência.

Durante as entrevistas, foi abordada a forma como os idosos rurais percebem o trabalho e sua relação com o envelhecimento. A análise dos dados indicam que os entrevistados valorizam o trabalho por três motivos principais: 1º) como algo que os dignifica na sociedade; 2º) como uma necessidade para sustentar suas famílias; e 3º) como uma atividade que os

mantém ativos e independentes na velhice. Mesmo após anos de trabalho em condições precárias, os idosos se sentem realizados ao lembrar suas trajetórias profissionais. O Sr. Oiti, por exemplo, se orgulha de continuar ativo mesmo após se aposentar.

Eu costumo falar para a família que trabalhar não mata ninguém, eu vejo o exemplo dos meus irmãos mais velhos que trabalharam com machado e enxada e eu trabalhei muito na roça também, por isso, penso que o trabalho não envelhece e nem mata ninguém, eu acho que o trabalho rejuvenesce as pessoas, porque ficam mais ativas. Eu por exemplo, trabalhei muito nessa vida e nunca escolhi nenhum tipo de serviço. A velhice é isso, agora temos mais tempo para descansar, mas eu não quero descansar e vou continuar fazendo aquilo que posso e consigo fazer, mas com uma certa moderação em função da idade (**Oiti, 67 anos - Assentamento Água Sumida**).

No exemplo do Sr. Café um dos aspectos mais marcantes em sua história é a ligação da memória com a atividade na cafeicultura, profissão herdada do pai e presente em sua vida desde a infância. Este trabalho o acompanha até hoje no lote, onde mantém um cafezal rodeado por outras plantas.

Eu comecei a trabalhar desde os 8 anos de idade e hoje tô com 84, já faz um tempão, quer dizer que tô com mais de 70 anos trabalhando nessa vida. Tem vezes que alguém fala: - “Não sei como o senhor aguenta. Já era pra tá parado e descansando”. Mas, penso que mesmo com a idade que tô hoje eu ainda aguento trabalhar. Para te falar a verdade nada me atrapalha em relação a idade, se me mandar carpir o mato que tá aqui no sítio, pegando a distância daqui de casa até a porteira eu carpo tudo e só saio de lá depois que meu espinhaço cansar. E olha que não sinto dor no corpo. Tem gente muito mais nova que eu que não faz o que eu faço (**Café, 84 anos - Assentamento Água Sumida**).

O Sr. Café se orgulha da habilidade que possui em todas as etapas do processo de cultivo do café. Em uma ocasião ele relata o momento em que foi elogiado pelo chefe por sua eficiência na colheita do café, episódio em que sua expertise e esforço são comparados ao trabalho de várias pessoas. Esta história destaca as diferentes formas de trabalho utilizadas na produção do café. O recordador consegue recordar todo o conhecimento das etapas de produção, desde o cuidado com o solo até a etapa de torrefação e venda.

Na memória laboral do Sr. Oiti é possível notar sua forte ligação com a criação de gado leiteiro, vista como uma estratégia crucial para sustentar sua família no assentamento e custear a educação dos filhos na universidade.

Nas entrevistas os recordadores mencionam algumas marcas físicas devido às condições difíceis enfrentadas ao longo de suas carreiras no campo e na cidade. São problemas adquiridos devido à exploração no trabalho e agravados na velhice. Essas marcas se intensificaram ainda mais na terceira idade e estão relacionadas às experiências desgastantes no

trabalho ao longo da vida.

Portanto, compreendemos que as condições de trabalho podem impactar os indivíduos em seu processo de envelhecimento, de forma ativa ou dependente. As condições de trabalho e as oportunidades ao longo da vida podem afetar a saúde e descartar os idosos na velhice. No sistema capitalista os idosos trabalhadores carregam em seus corpos marcas resultantes de suas jornadas laborais em condições adversas e exploratórias.

Na análise da experiência laboral, investigamos como os indivíduos idosos lidam com essas marcas. Segundo Bosi (2004), o trabalho afeta as pessoas em duas frentes. Uma delas está ligada à forma como os movimentos corporais influenciam a mente do trabalhador. A outra dimensão do trabalho envolve a inserção dos indivíduos nas esferas econômicas e sociais por meio do emprego. A compreensão da relação entre memória e trabalho foi fundamental para reconstruir as trajetórias profissionais dos trabalhadores, desde o início de suas carreiras na esfera pública até as formas de trabalho, muitas vezes degradantes.

Memória Política

Segundo Bosi (2004), a memória política se diferencia da memória individual quando o indivíduo não se limita a relatar eventos públicos como uma "testemunha imparcial". Nesse sentido, o sujeito toma posição e defende uma versão da história, reafirmando sua interpretação da situação. Participar de marchas, passeatas, reuniões, ocupações e acampamentos pode ser considerado exemplo de uma memória política relacionada aos conflitos agrários e à luta pela terra.

De acordo com a autora, a dimensão política da memória permite identificar a classe social, profissão e posição social dos indivíduos que estão recordando. As memórias reconstruídas indicam que todos os entrevistados tiveram experiências de trabalho na infância que os inseriram na vida pública. Eles começaram a trabalhar na roça, em atividades ligadas à agricultura e à pecuária. A memória política dos idosos confirma que a terra continua sendo um tema relevante e central no século XXI, conectando histórias de famílias separadas pela migração e representando a reprodução dos sujeitos ligados à terra.

O Sr. Palmeira destacou em sua memória política as dificuldades enfrentadas ao acampar em uma barraca de lona. As condições de vida e a exposição ao clima afetaram o conforto térmico do recordador, aspecto importante a ser considerado nessa narrativa. As lembranças reforçaram as motivações dos indivíduos para se unirem ao movimento de luta pela terra ao longo de suas vidas. O desejo de reconectar com a terra, a tranquilidade e um estilo de

vida baseado na agricultura foram os principais motivos que os levaram ao acampamento.

Particpei de muitas ocupações nessas fazendas, umas boas eu particpei e outras eu caía fora. Naquela época o povo falava de algumas fazendas que tinham muitos jagunços que se o povo entrasse, eles matavam. Aí, não tinha jeito, dessa eu fugia e saía, pois tinha amor pela minha vida. Era muito perigoso, teve algumas que até me arrisquei, mas em outras eu nem aparecia. Toda vez que a gente entrava nas fazendas ficávamos um ou dois dias e eles já chamavam a polícia para nos tirar de lá. Por mais que eles nos tirassem nós entendíamos que aquilo era uma forma de luta que tínhamos para pressionar a desapropriação da fazenda e assim, conseguir a nossa terra (**Palmeira, 74 anos - Assentamento Água Sumida**).

Durante uma entrevista com D. Rosa, uma mineira acampada em uma fazenda considerada terra devoluta, as lembranças da luta pela terra vieram à tona. Ela recordou momentos marcantes dos conflitos agrários na região, como quando o ex-prefeito de Presidente Prudente ordenou o bloqueio das rodovias durante uma marcha organizada pelo MST.

Um momento que me marcou muito? Deixa pensar! Ah! Eu lembro de uma história que aconteceu com a gente lá em São Domingos. Foi uma das primeiras vezes que entramos numa fazenda e nessa os proprietários apareceram com tudo e chamaram até a polícia para tirar a gente, foi uma reintegração de posse, na época eu fiquei um pouco assustada com aquilo. Outra coisa que me marcou na luta, que eu fiz e hoje eu já não faço mais, porque sei que não aguento. Acredita que eu e os companheiros fizemos uma caminhada de Teodoro até Presidente Prudente, uma caminhada longa, meu filho. Acho que demorou uns 3 dias para a gente chegar até lá (risos). Nós fomos parando no meio do caminho, pousamos em Tarabai e depois na beira de uma mata, lembro que os homens fizeram umas caminhas de plástico para colocarmos o colchão em cima para dormir e naquele sono, ninguém nem lembrava se tinha uma cobra para passar por cima da gente. (risos) Só por Deus! E fizemos tudo isso com alegria, viu? Com bastante alegria! Uma das coisas que aprendi no movimento é que é um por todos e todos por um. Então, isso aí ficou na minha mente e eu estava ali com os meus companheiros, um por todos e todos por um e por isso nos mantemos juntos até hoje (**Rosa, 79 anos - Acampamento Gercina Mendes**).

A memória política revela resistências e desafios enfrentados durante a luta pela terra. Segundo Bosi (2004), essa memória se manifesta através de lembranças de eventos públicos como greves, guerras, revoluções e pandemias. As memórias reconstruídas conectam a trajetória individual dos idosos com eventos históricos e políticos. Em algumas narrativas, eles relembram a Segunda Guerra Mundial, as mudanças na moeda nacional, a relação entre cidade e campo na urbanização, além das transformações políticas no Brasil. Através dessas narrativas autobiográficas, os idosos analisam eventos individuais e públicos a partir de suas memórias.

Os conflitos no campo são o cenário em que se concretiza o processo de reconstrução de lembranças. Em certas lembranças, os mais velhos recordam técnicas e utensílios utilizados

no passado e algumas alterações nos sistemas de produção. Um caso é a troca da lamparina pela eletricidade, mencionada nas recordações de D. Ipê e Sr. Cedro. Dessa forma, entendemos que as lembranças são moldadas por indivíduos, locais, objetos e eventos que vão influenciar as pessoas ao longo de suas vidas. A partir de estímulos atuais, os idosos recordam o que foi relevante e marcante em suas vidas.

Memória, corpo e espaço

Laws et al (1994) discutem como o espaço influencia na vida dos idosos por meio da associação entre o envelhecimento e a casa. Ao descreverem as vivências espaciais dos idosos ingleses, as autoras mostram como os lugares definem temas em termos de idade, ilustrando algumas das maneiras pelas quais o espaço age como um organizador geracional, permitindo identificar se as pessoas que frequentam esse lugar são mais velhas ou não.

Em nossa pesquisa todos os entrevistados relataram viver de forma independente no acampamento e no assentamento, e apenas Sapucaia, a mais velha do grupo, recebeu os cuidados da neta da própria casa devido à progressão do Alzheimer no corpo e na memória. Nos estudos realizados pelos autores, a compreensão dos idosos sobre a relação entre casa e envelhecimento variou. De acordo Mowl et al. (2000), “ficar em casa” pode ser visto tanto como um sinal de envelhecimento e, portanto, algo a ser evitado, quanto como uma forma de combatê-lo.

Em campo, observamos que os idosos desenvolvem uma relação positiva com a vida no meio rural. A casa é vista como um espaço de afeto e convivência familiar, mas também como um ambiente de trabalho para as mulheres, com as idosas ainda assumindo a maioria das tarefas domésticas. O lote representa um importante espaço de trabalho, essencial para a manutenção da independência dos idosos rurais. Para eles, trabalhar na terra simboliza que a velhice ainda não chegou, pois, na narrativa construída, aquele que não consegue se movimentar e cuidar de sua própria terra é que é considerado um "homem velho."

A associação do espaço doméstico com o declínio físico está relacionada à perda de papéis econômicos produtivos (Mowl et al. 2000). A relação entre envelhecimento e casa pode variar de acordo com o gênero, e sua significância em relação aos papéis femininos e masculinos na dimensão familiar é diferente após a aposentadoria. As autoras compreendem como as dimensões de idade e gênero dão sentido aos espaços domésticos como lugares para mulheres e idosos.

É importante enfatizar que o corpo é um componente central da percepção dos idosos sobre o envelhecimento em si e nos outros. Portanto, a relação entre corpo, espaço e envelhecimento foi importante para a compreensão do modo de vida dos idosos desta pesquisa. Marcas no corpo podem ser sinal de velhice e, no caso de D. Araucária, o envelhecimento da pele e o embranquecimento natural dos cabelos foram os sinais identificados em sua memória. Ao estabelecer uma relação com o preconceito de idade, dizem as autoras, nossa sociedade usa a aparência física como forma de identificar a idade das pessoas.

Nas narrativas apresentadas os idosos do campo perceberam o envelhecimento por meio de alterações físicas e de memória relataram que pele, cabelo, força física e perda de memória eram sinais de envelhecimento. O corpo é portanto uma centralidade na vida do idoso, por meio do qual esse sujeito percebe e compreende as mudanças trazidas pelo processo de envelhecimento. Mowl et al (2000) demonstram como os discursos de idade e envelhecimento centrados nas dimensões do corpo afetam a escolha, o uso e o significado do espaço, tomando como exemplo as diferentes relações entre idosos e famílias. As autoras argumentam que lugares e corpos identificados como “velhos” são moldados por gênero, classe e habilidade.

As autoras definiram aparência, fragilidade e capacidade física como três possíveis marcadores da velhice ao analisar a situação dos idosos no Reino Unido no final do século XX. Ao estabelecer a relação entre memória e experiência espacial em áreas rurais, nossos entrevistados construíram uma imagem do idoso com base na aparência, perda de memória e desempenho no trabalho. Para eles, o velho é aquele que não pode mais trabalhar, sua vida está estagnada, ele esqueceu as coisas, seu cabelo está grisalho e sua pele está enrugada. No entanto, alguns sujeitos mostraram em suas narrativas que a velhice pode ser compreendida além da ordem cronológica e vinculada às condições físicas e mentais. Assim, os sujeitos também compreenderam que a idade nada mais é do que um descritor numérico que organiza a sociedade em faixas etárias.

Ao aprofundarmos nessas dimensões, percebemos que os idosos do acampamento e assentamento não se sentiam velhos e não se identificavam com a condição. Em sua memória, Oiti associa o envelhecimento ao desempenho no trabalho, reduzindo o processo à capacidade física e afirmando que somente quem está impossibilitado de trabalhar ou realizar atividades no campo sente envelhecer neste momento. Para ele, “*o trabalho não envelhece nem mata ninguém*” (Oiti, 67 anos - Assentamento Água Sumida).

Na visão de Primavera, a velhice parece estar relacionada à fragilidade física, pois quando questionada se já se sentiu velha, a idosa respondeu que a fraqueza e a perda de força

são indicadores de seu processo de envelhecimento. Quando era mais jovem, ela disse que conseguia se envolver em mais atividades, mas se sentia mais ativa e produtiva vivendo na terra do que quando morava na cidade.

Olha! Eu lido bem com o meu envelhecimento, mas o duro é que conforme vamos ficando de idade vai aparecendo uma cansaço, uma dor no corpo, uma diabetes, uma pressão alta e eu mesma, tomo todos os dias de manhã cinco tipos de medicamentos e a noite tomo quatro porque sou diabética e tenho pressão alta. Eu acho que com o envelhecimento nós temos que ter todo cuidado né, pois com essa idade nós ainda enfrentamos muita coisa, principalmente com os movimentos do corpo. Quando chega o frio por exemplo, você tem que estar num lugar bem reservado e estar aquecido para não passar frio, na cidade é tudo fechado já no sítio não. Quando vai chegando certa idade nós vamos percebendo que nosso corpo está mudando, tudo vai ficando mais lento, a pele já não é mais a mesma e o cabelo cai mais que antes, eu sinto que o corpo está diferente de quando eu era mais nova (**Primavera, 67 anos - Assentamento Água Sumida**).

O fato de poder trabalhar no lote e em atividades domésticas e movimentar-se pelo assentamento foi comemorado como uma conquista no discurso da recordadora. Para ilustrar melhor essa questão, Primavera conta o caso de um idoso morador que acabou adoecendo na cidade pensando na vida ativa que levava.

Apesar disso, os idosos relatam que as relações familiares também foram se moldando com a idade. À medida que envelhecem, os filhos começam a se importar e se preocupar mais com sua condição de velhos. No entanto, a velhice é uma situação ambígua como qualquer outra, tanto que relatam dois casos constrangidos pela velhice. Oiti sentia que as pessoas não confiavam nas opiniões e ações dos idosos, e às vezes percebia que sua família duvidava de sua capacidade de realização por conta da idade. Primavera disse que apesar dos cuidados extras de sua família, às vezes ela se sentia solitária e abandonada no lote. Uma de suas queixas é que os filhos que moram no assentamento não a visitam ou entram em contato com ela com frequência, e ela sentiu a dureza da solidão durante a pandemia.

Em geral, os idosos mostram-se revigorados com o envelhecimento e apresentam perspectivas positivas, onde prevalece a aceitação desse processo. Araucária compreende o avanço da idade como algo natural e comum a todas as pessoas. “*Eu acho tão bonitinho cabelo branco de velhinho [...] Eu tenho que aceitar a idade, afinal não nasci pra semente*” (**Araucária, 74 anos - Assentamento Água Sumida**).

As memórias indicam que o trabalho é o eixo de interação entre os idosos e o espaço e, para eles, envelhecer com dignidade está diretamente relacionado à capacidade de realizar os afazeres agrícolas e domésticos. O campo, concebido através da reprodução da vida e do trabalho na terra, promove a independência desses sujeitos na velhice. As falas dos idosos se

completam ao dizer que o rural trouxe uma sensação de segurança, tranquilidade e qualidade de vida.

Os velhos assentados revelam em seus relatos que sua chegada à terra foi um momento crucial em suas trajetórias de vida, marcando o início de uma jornada de coragem e resistência em que um novo modo de vida está tomando forma e impactando positivamente na qualidade de vida de sua família. A vida antes do assentamento é retratada como um momento de ruptura, exploração e miséria, com a cidade posicionada como um espaço inseguro onde prevalece o desemprego, a desigualdade e a violência. Descrito como um espaço de conexão com a terra e expansão da liberdade, o lote é um lugar em que se consolidou as lutas e sonhos.

Os velhos do acampamento também falaram da terra como uma dimensão que mudou vidas por meio da reforma agrária, produzindo mudanças sociais e espaciais. Geralmente, a principal motivação para esses sujeitos é possuir um pedaço de terra para reproduzir-se com a família e, como se vê nas histórias de Cedro e Ipê, a terra adquire o status de sonho familiar. Cedro tem uma trajetória no movimento de luta pela terra, participação em ocupações, marchas e acampamentos. Conquistar o lote para seu filho é a razão pela qual ele está envolvido na ocupação neste momento. *“Essa terra é para um filho meu do segundo casamento. Estou aqui respondendo e segurando a terra para ele. É o sonho dele”* (Cedro, 81 anos - Acampamento Gercina Mendes).

Os casos estudados confirmam que a questão agrária não está separada da questão urbana, o problema social se reflete em ambos os lugares, o assentamento é visto como uma solução para o problema da habitação e do problema das pessoas em situação de rua, e o lote se torna o espaço habitacional. Ipê revelou que ter um lugar no assentamento para manter seus filhos e netos longe do aluguel a levou a continuar lutando na ocupação na fazenda.

Apesar do impasse por negligência estatal, falta de infraestrutura e assistência técnica e a expansão do agronegócio canavieiro no entorno dos assentamentos, a saúde, o trabalho e o modo de vida foram afetados, na forma de trabalho e pulverização aérea de veneno. Os idosos persistiram por meio de suas estratégias de reprodução da vida e do trabalho na terra, tornando suas vidas melhores por meio do estabelecimento de assentamentos em áreas improdutivas e griladas, mostrando que a luta pela terra valeu a pena.

Essa visão está em diálogo com o entendimento de que o desenvolvimento pode ser construído em uma perspectiva multidimensional que integre justiça social e bem-estar das pessoas, supere visões econômicas e expanda os horizontes de vida em condições de liberdade (Sen, 2010). Quando comparados com a vida antes da entrada no assentamento, os idosos contam que a conquista e a permanência na terra melhoraram suas condições de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de envelhecimento em áreas rurais é uma realidade complexa e diversificada, que evidencia aspectos importantes da vida, cotidiano e das práticas espaciais de pessoas que lutaram e ainda lutam por um mundo mais justo, por igualdade social e pela reprodução socioterritorial na terra.

Ao revisitar as lembranças dos idosos em memórias autobiográficas, somos levados a momentos de felicidade, saudade, tristeza, luto e, principalmente, esperança. Essas histórias mostram que a busca por melhores condições de vida persiste, mesmo diante de desafios e resistências enfrentados em situações de disputa pela posse da terra.

A relação entre o espaço e o envelhecimento é fundamental para reconstruir as memórias dos idosos em acampamentos e assentamentos. Essas recordações revelam a luta pela terra e o desejo de permanecer nela. Ao reconstruir momentos da vida individual e coletiva, diferentes versões de um mesmo evento são apresentadas. As memórias recriadas em campo evidenciam que os idosos têm visões alternativas do envelhecimento, que não se encaixam na estrutura capitalista. Enquanto o sistema econômico os marginaliza, rotulando-os como inúteis, improdutivos e dispensáveis por não contribuírem economicamente para a sociedade, na perspectiva camponesa, mesmo sob a influência do capitalismo, os idosos mantêm algum controle sobre o tempo de trabalho e a forma de produção no campo.

As estratégias de reprodução observadas no cotidiano do acampamento e assentamento revelam que os idosos rurais estão ativos, vivendo de forma independente na velhice, tomando decisões e participando de momentos de resistência, mesmo em condições desfavoráveis. A luta pela terra, no contexto camponês, cria e recria outras referências espaciais e memórias para refletir sobre o envelhecimento.

A passagem do tempo e o envelhecimento dos indivíduos que lutam pela terra são temas centrais neste texto. Acompanhamos a batalha dos mais velhos por melhores condições de vida, sobrevivência e reprodução na terra. Essa luta vai além da conquista direta, representando um esforço constante por melhores condições de vida, reconhecimento da cidadania, conexão com a terra, entre outros aspectos. Portanto, estamos diante de uma luta dupla: pela terra e pela inclusão social (Oliveira, 2023).

As narrativas reconstruídas confirmam a ideia de que o espaço tem um papel ativo na vida dos indivíduos. As lembranças dos tempos de acampamento, especialmente durante a época dos “barracos de lona”, assim como as recordações da casa e do lote, mostram que o lugar tem um valor significativo nas histórias contadas pelos idosos, revelando a dimensão

afetiva na relação entre idoso e espaço.

Com base nisso, observamos que os indivíduos e os ambientes não são passivos, já que o espaço pode influenciar de diversas formas as vivências espaciais, afetando o modo de vida e a rotina dos sujeitos, de maneira colaborativa ou desafiadora. Ambos se influenciam reciprocamente.

Resumidamente, o espaço e suas dimensões auxiliam os sujeitos a formarem suas lembranças, permitindo-lhes estabelecer raízes no local em que residem e fortalecer os vínculos com as pessoas ao seu redor. Definimos a memória como um acúmulo de experiências e conhecimentos adquiridos ao longo da vida, em que cada indivíduo vivencia eventos e acontecimentos de forma única e pessoal. O mesmo acontecimento pode ser recordado de diversas maneiras entre os sujeitos.

Ao considerar o envelhecimento como um fenômeno espacial e relacional, a Geografia tem a oportunidade de apresentar novas perspectivas sobre essa etapa da vida. Ao abarcar as experiências e trajetórias de vida dos idosos, podemos ampliar nossa compreensão do envelhecimento como um processo complexo e multidimensional.

REFERÊNCIAS

Beaud, S. Weber, F. *Guia para a pesquisa de campo*. Editora Vozes, Petrópolis, 2007. (Tradução de Sérgio Joaquim de Almeida).

Bockorni, BRS.Gomes, AF. A amostragem em snowball (bola de neve) em uma pesquisa qualitativa no campo da administração. *Revista de Ciências Empresariais da UNIPAR*, Umuarama, v. 22, n. 1, p. 105-117, jan./jun. 2021.

Bosi, E. *Memória e sociedade. Lembrança de velhos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

Duarte, J. Entrevista em profundidade. Em Duarte, J, Barros, A (org.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação* (pp. 62-64). São Paulo: Atlas. 2005.

Gauer, G; Gomes, WB. A experiência de recordar em estudos da memória autobiográfica: aspectos fenomenais e cognitivos. *Memorandum*, 11, Belo Horizonte, 2006. 102-112.

Haraway, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu* (5) 1995: pp. 07-41.

Harper, S. Ageing 2000 – questions for the 21st century. *Ageing and Society*, 20, 2000, 111–122.

Laws, G. Oppression, Knowledge and the Built Environment. *Political Geography – POLIT GEOGR.* 13. 7-32. 1994.

Minayo, MCS (org.). *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.* 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

Mowl, G., Pain, R., Talbot, C. The ageing body and the homespace. *Area*, 32: 189-197. 2000.
<https://doi.org/10.1111/j.1475-4762.2000.tb00129.x>

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Nota de Solidariedade: Miriam Farias, Presente! *Publicações MST*, 2021. Disponível em <https://mst.org.br/2021/05/02/nota-de-solidariedade-miriam-farias-presente/>. Acesso em 10/11/2024.

Oliveira, FHF. *O envelhecimento do ser no espaço: memórias de idosos em contextos de luta e conquista da terra no Pontal do Paranapanema - São Paulo - Brasil.* 2022. 389 f. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2022.

Queiroz, MIP. Relatos orais: do “dizível” ao “indizível”. In: Von Simson, OM. *Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil).* São Paulo: Revista dos Tribunais Ltda., 1988. p. 14-43.

Saraiva, KMP. *Ateliê Narrativo de Memórias Autobiográficas: teoria e prática.* (Curso). Portal do Envelhecimento, Espaço Longeviver - São Paulo, 2022.

Sen, A. *Desenvolvimento como liberdade.* São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Silva, MAM. *A luta pela terra.* Experiência e memória. 1. ed. São Paulo: Edunesp, 2004. v. 1. 135 p.

Silva, MAM. Assentamento Bela Vista, a peleja para ficar na terra. In: MARTINS, José de Souza. *Travessias. A vivência da reforma agrária nos assentamentos.* Rio Grande do Sul: UFRGS, 2009, p. 107 – 158.

Silva, C; Feliciano, CA. A formação e ordenamento territorial do assentamento Água Sumida/Teodoro Sampaio-SP. *Centro de Estudos de Geografia do Trabalho*, p. 20, 2011.

Skinner, M. Cloutier, D. Andrews, GJ. Geographies of ageing: progress and possibilities after two decades of change. *Progress in Human Geography*, 1 – 24, 2014.

Vinuto, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.

Submetido em: julho de 2024

Aceito em: novembro de 2024